

---

# O PORTUGUÊS DE CONTATO FALADO PELOS ÍNDIOS KAMAYURÁS

*Maria Guadalupe de Castro \**

\*Doutoranda em Lingüística (UNICAMP) e professora da UNINOVE.

*Lídia Spaziani \*\**

\*\*Mestranda em Educação (UNINOVE) e professora da UNINOVE.

*Maria Célia Lima-Hernandes \*\*\**

\*\*\*Doutoranda em Lingüística (FFLCH/USP) e professora da UNINOVE/USP.

## RESUMO

Com base em *corpus* de língua portuguesa falada pelos índios Kamayurás, discute-se a pertinência de duas teses lingüísticas - evolucionista e adstrativista - que explicariam os contatos. A partir dessa discussão evidenciam-se as interferências lingüísticas decorrentes de tais contatos.

*Palavras-chave: variação lingüística; português de contato; aspectos contrastivos.*

## ABSTRACT

This paper is based on the *corpus* of the Portuguese Language spoken by the Kamayurás Indians. The evolutionist and adstrativist linguistic relevances, which could explain these contacts, are discussed. From these discussions, the result from these contacts - the linguistic interferences - are evidenced.

*Key words: linguistic variation; Portuguese of contact; contrastive aspects.*

## 1. O panorama lingüístico: um inventário por se fazer

Pelas estimativas oficiais, temos cerca de 7.000 a 6.000 línguas faladas no mundo hoje, muitas das quais se enquadram como dialetos (WURM, 1996). Pelo quadro histórico bastante conhecido, sabemos que muitas línguas estão mortas, tais como o latim, o grego antigo e o sânscrito. É certo, contudo, que sobrevivem de forma artificial, presas às exigências contextuais e circunstanciais de algumas poucas pessoas.

Esse fato fez com que muitos estudiosos, nos últimos anos, voltassem a atenção para os direitos lingüísticos de comunidades minoritárias. Tal preocupação prende-se ao fato de que muitos povos autóctones abandonam suas línguas por força das necessidades subjacentes à comunidade de contato. Assim, muitas línguas encontram-se ameaçadas de extinção, pois sobrevivem apenas nos falares de idosos.

O mesmo fenômeno tem aos poucos se revelado no mundo indígena, uma vez que o contato com o mundo civilizado trouxe uma série de itens lexicais completamente inovadores na visão autóctone; muitas necessidades urbanas passaram a compor o quadro rural em que vivem esses indígenas.

O contato lingüístico, nessa perspectiva, acarreta forte impacto sobre a língua autóctone, gerando muitas vezes, numa fase inicial, o surgimento de uma língua chamada *pidgin*<sup>1</sup> e, na sucessão desta, uma língua *criolla*, cuja base é o superestrato<sup>2</sup>. Em conseqüência, a língua de substrato pouco a pouco é substituída até ser extinta por completo, a exemplo do que ocorreu com a língua indígena pataxó no Brasil.

## 2. Contatos no Alto Xingu e hipóteses lingüísticas

No Alto Xingu, área brasileira de preservação, de 26.000 quilômetros quadrados, sobrevivem oito línguas autóctones: Kamayurá e Aweti (tronco tupi); Waurá, Mehinako e Yawalpiti (tronco Arawak); Kalapalo, Kuikuro e Matipu (tronco Caribe), e Trumai (língua isolada).

Nessa grande área, a Funai (Fundação Nacional Indígena) é peça fundamental na preservação da cultura daqueles povos. A despeito de todo o cuidado que se possa ter, o contato lingüístico é inevitável. Assim, dá-se início a um processo itinerante, com uma língua *pidgin*, até chegar a um grau de fluência proficiente na língua de superestrato.

Os efeitos desse contato lingüístico tornaram-se alvo de freqüentes investigações por parte de lingüistas de todo o mundo. Alguns pesquisadores, a exemplo de Macedo (2000), entendem os usos 'imperfeitos' como reflexos de graus diferenciados de domínio lingüístico associados à evolução da língua portuguesa (tese evolucionista ou diacrônica)<sup>3</sup>. Em contrapartida, outros autores estão atentos às interpenetrações no momento do contato (tese adstrativista ou sincrônica), detendo-se, sobretudo, na tarefa de descrever os dois sistemas lingüísticos envolvidos que, como Spaziani *et al.* (2000), após a descrição da variedade portuguesa de contato utilizada pelos kamayurás, chegaram à conclusão de que os fenômenos rotulados como corruptelas ou desvios também estão presentes na variedade rural, chamada variedade popular.<sup>4</sup>

Em decorrência dessa constatação, as autoras<sup>5</sup> passaram a recolher evidências que dessem conta de responder à seguinte questão: seria a variedade popular um grau mais baixo de fluência lingüística natural no processo de aquisição de segunda língua ou seria ela a variedade de contato, presente na região rural em que viviam os indígenas? Ao final, as citadas autoras estabeleceram o contraste entre os sistemas lingüísticos estudados e notaram o alto grau de confluência entre as variedades.

As respostas a essas questões atingem de forma direta dois eventos políticos brasileiros. O primeiro diz respeito à Convenção 107<sup>6</sup>, da

<sup>1</sup>Para alguns autores, a exemplo de TARALLO & ALKMIN (1987), o termo *pidgin* origina-se da corruptela da palavra *business* e confere a uma língua o status de 'arrebento' lingüístico, ou seja, primeiro contato entre duas línguas. Difere-se da língua *criolla*, entre outros aspectos, pela existência de falantes nativos, condição *sine qua non* para que seja percebida como língua nativa.

<sup>2</sup>Também conforme TARALLO & ALKMIN (1987), superestrato é o rótulo lingüístico que identifica a língua estrangeira que estabelece contato em terras de uma comunidade autóctone. Neste sentido, opõe-se à substrato.

<sup>3</sup>A tese evolucionista ou diacrônica aplicada aos contatos lingüísticos tem por fundamento a associação da fluência e da disfluência verbal aos princípios históricos que regem a segunda língua. Esta tese opõe-se à adstrativista ou sincrônica, que prevê interferências simultâneas e recíprocas entre os dois sistemas envolvidos no contato.

<sup>4</sup>Muitos autores afirmam que o português popular é aquele falado por pessoas da classe social menos favorecida, que aprendem no convívio familiar (SILVA NETO, 1977:19), portanto de oitiva, e que possuem uma cultura 'rústica'. (AMARAL, 1920)

<sup>5</sup>Spaziani *et al.* (2000) procederam ao levantamento de dados de língua falada em três corpora: Emmerich (1984), Rodrigues (1987) e Chahine & Lima-Hernandes. (1998)

<sup>6</sup>"Será ministrado às crianças pertencentes a populações interessadas ensino para capacitá-las a ler e a escrever em sua língua materna ou, em caso de impossibilidade, na língua mais comumente empregada pelo grupo a que pertencem". (art.23, da Convenção 107)

Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho, em seu artigo 23, aprovada pelo Congresso Brasileiro em 1965, e o segundo, à lei 6001<sup>7</sup>, conhecida como Estatuto do Índio, promulgado em 1973.

Na essência, ambos os eventos têm por objetivo precípuo a preservação cultural indígena, inclusive no que se refere à alfabetização na língua do grupo. Em contrapartida, não é concebível o isolamento indígena, ocorrendo, assim, a aquisição de uma variedade portuguesa semelhante à fala local.

<sup>7</sup>Regula a situação jurídica dos índios e silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunidade nacional" (artigo 1, da lei 6001).

### 3. Confluências e divergências entre os sistemas: evidências de contato

Em que pesem os argumentos decorrentes da tese evolucionista, o número de pontos fônicos convergentes favorece, sobremaneira, a aceitação da tese adstrativista, uma vez que na interação de falantes de línguas distintas há que se observar a emergência de códigos de contato.

Em suma, não se podem discutir contatos de povos sem se preverem os contatos lingüísticos e usos subjacentes, mais evidentemente representados pelos hábitos fônicos pertinentes. Desse modo, a variedade portuguesa falada pelos kamayurás não pode ser compreendida como uma fase 'imperfeita' de fluência, e sim como uma interpenetração de hábitos lingüísticos, que têm como resultado a interferência mútua.

Segundo Romaine (1995), em muitas situações de contato lingüístico, pode ocorrer a emergência de um novo sistema, que seja resultante ou da mistura ou da convergência entre aspectos dos dois sistemas envolvidos. Nessa perspectiva, uma língua aprendida em situação de contato certamente reterá elementos da língua materna como vestígios sobreviventes na segunda língua aprendida.

Algumas evidências que atestam o postulado de Romaine podem ser encontradas no trabalho de Cavalcanti (1999). Essa autora, ao investigar a língua da tribo Apurinã, notou que marcas da língua ancestral, já extinta, resistiam na atual língua daquela comunidade.

Mollica (1997) também investigou as variedades de contato e observou que aspectos prototípicos da primeira língua apareciam com frequência na variedade portuguesa, tal como ocorre nos processos de formação de línguas *pidgin* e *criollas*.

Outros autores, a exemplo de Roncarati & Mollica (1997), analisaram a variedade falada pelos kamayurás e yawalapitis a fim de investigarem a redução fonêmica na sonorização (/f/ > /v/; /p/ > /

b/) e no ensurdecimento consonantal (/z/ > /s/; /d/ > /t/). Observaram que esses grupos de falantes associavam a ocorrência de ensurdecimento, fenômeno atípico da língua portuguesa, aos falantes mais velhos.

Mollica (1997) pesquisou também os usos lingüísticos dos índios para o grau de fluência em L2. Ela observou que os seguintes fenômenos são apresentados no processo de aquisição da língua : assimilação, síncope do fonema /r/ medial, prótese do fonema /a/, aférese do fonema /a/, monotongação, substituição de l > r final.

Três anos mais tarde, Macedo (2000) identificou casos de apagamento do determinante e associou-os à fala dos índios mais velhos. Também de acordo com a autora, a língua tupi assumiu a ordem OV, que pode prover interferência durante o aprendizado da língua portuguesa, cuja ordem prototípica é SVO.

Afora a inovação do método quantitativo oferecido pelas autoras citadas, Amaral (1920) já evidenciava as características tidas como típicas daquela variedade caipira, que àquela época não era distinguida da variedade popular.

#### **4. Especificidades do português falado pelos Kamayurás**

Os fenômenos de alteração fônica caracterizam a variedade portuguesa de contato e podem ser segmentados em dois grandes conjuntos: interferências da língua de superestrato (português); interferências da língua de substrato (kamayurá).

No primeiro conjunto, agrupam-se fenômenos típicos da língua portuguesa desde sua origem no latim vulgar, podendo ser apreciados na literatura lingüística sob os rótulos de assimilação, aférese, metátese, ditongação, nasalização, desnasalização, alçamento/ redução vocálica, apócope, prótese e síncope.

As explicações que subjazem a esses usos dão-se no plano da aquisição da segunda língua pelos kamayurás. Ocorre que a variedade de contato no Alto Xingu é variedade rural (português popular ou caipira), que tem por peculiaridade a manutenção dos vestígios históricos, haja vista que, diacronicamente, esta variedade não sofreu imposições da norma culta por meio da escola.

A transposição sonora representa um fenômeno pouco recorrente no português usado pelos indígenas. Tais casos podem ser representados nos exemplos em que ocorre a mudança de um fonema

consonantal /r/ dentro da mesma sílaba, comumente rotulado de metátese:

(a) ela so escutano, fica assim. Depois ele **pregunta**, depois eu **priguntei** pra [Sukuri9, p.17]

(b)e, pra acampamento dele, **drumiu** um, vai sai, desceu lá no Morena, né? [Sukuri3, p.2]

(c) quando esse água fica **freveno** muito [Sapaim2, p.5]

Outro fenômeno recorrente na variedade de contato é o apagamento sonoro (36%), que tanto operou com um único fonema do vocábulo quanto com sílabas. Também manifestou-se na redução dos ditongos /ow/ (17%) e /ãw/ (9%):

(d) ele **tá**...**tá** co...ele ta cum menos [Takara21, p.2]

(e) **tão** foi lá...lá Campo, noise...lá no Campo [Sukuri8, p.9]

(f) vai **dumi**. Quando saiu so dona di Kwaryp vai sai, né. [Sukuri7,p.3]

Outro fenômeno muito recorrente no português de contato é o acréscimo sonoro (18%) que, do ponto de vista dos fonemas envolvidos, compõe um quadro bastante variado. Assim, encontram-se alterações envolvendo os seguintes fonemas: /a/ seguido de verbo e /i/ seguido de substantivo e advérbio. Afora esses fonemas, encontramos também casos de acréscimo vocálico, gerador de ditongos.

(g) aí isso. Aí depois/ aí eu **alevantei**, né? [Takuma20, p.4]

(h) **nóis** pega carru, né? [Sukuri8, p.9]

(i) cinco hora vai saí outro saiu mais pouco né, **maisi** pouco, então dona di Kwaryp ta comida... Sukuri7, p.1]

A substituição sonora também caracteriza a variedade discutida, constituindo o fenômeno de alteração fônica mais recorrente (45%). As substituições que decorrem de tal fenômeno envolveram tanto fonemas vocálicos em alçamento (55%) quanto fonemas surdos que se sonorizaram (45%):

(j) Orlando num fala, ele fala, né, Orlando num fala não, Aritana **tamém** ah, Orlando não qué escudá... [Sukuri8, p.2]

(k)mulhé tem medo...plantá batata planta **miyu**, planta mandioca [Sukuri3, p.1]

(l) eli **voi**...língua de Kalapalo [Sukuri7,p.6]

No segundo conjunto, estão os fenômenos atípicos no Português, que refletem alterações fônicas que não fazem parte da história da formação da língua portuguesa. A explicação para tais usos na variedade L2 falada pelos kamayurás se dá no plano de interferências do

substrato lingüístico.

Esses fenômenos incluem alterações por substituição (92%) e apagamento (8%), podendo ser exemplificados por:

(m) depois chamo o **maribundo**, né, não(...) chama ele pra, pra enterrá ele [Sapaim 2,p.5]

(n)tão eu fala tamem **meua** língua. [Sukuri 7,p.13]

(o) o canoa Mei/Kamyurá chegô lá onde tá o canoa, né, pegaru tudo **cripe**, pegô tutu gripe [Takuma20,p.11]

Como pudemos até aqui perceber, há uma linha tênue que separa duas variedades. Essa linha torna-se completamente opaca no caso dos dados analisados, uma vez que os casos identificados sobre-põem-se, constituindo um conjunto de variantes coeso.

## 5. À guisa de conclusão

Ainda que muitos lingüistas façam questão de separar o dialeto caipira do falar caboclo, observa-se a existência de um alto grau de convergência. Parece possível defender que as diferenças resumem-se à aquisição da língua pelos falantes, já que essas variedades são interpenetráveis e mutuamente compreensíveis.

Em ambas ocorrem alterações fônicas - rotacismo, metátese, monotongação, prótese, assimilação, redução de vogal átona final e apagamento do /r/ final - e esses fenômenos indicam claramente que a aquisição da língua é resultado dos contatos sociais entre indígenas e pessoas da região rural no Alto Xingu.

Em contrapartida, apresenta-se nos usos do português falado pelos kamayurás, ainda que em menor recorrência (6%), a interferência de elementos de substrato lingüístico, comum no nível de fluência dos indivíduos observados.

Por fim, ao se analisar o fenômeno de mescla intercomunidade, três perspectivas devem ser adotadas: a da sociedade como elemento global, a do indivíduo na mesma sociedade e, por último, a perspectiva estritamente lingüística (TARALLO & ALKMIN 1987). Assim procedemos, ao inserirmos a língua *pidgin*, como primeira etapa do contato lingüístico, dependente, contudo, da existência de falante nativo para ascender ao rótulo de língua *criolla*, fase constatada nos falares de vários índios da tribo Kamayurá.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Amadeu (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Ed. O livro.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. (1975) *Dispersos*. Rio de Janeiro: FGV.
- CAVALCANTI, M.C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contexto de minorias lingüísticas no Brasil. In: *DELTA* (15), 1999 (pp.385-417).
- CHAHINE, Sumaia & LIMA-HERNANDES, Maria Célia (1998). Constituição de córpus de língua falada na cidade de São Paulo. In: *Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFIL & UFRJ.
- EMMERICH, Charlotte (1984) *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, UFRJ.
- LABOV, William. (1966) *The social stratification of English in the New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics.
- Macedo, Alzira T. (2000) Pidginization and depidginização in the Portuguese of the Upper Xingu. In: Mollica, M.C. & Martellota, M.E. (org.) *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: UFRJ, (pp. 93-105).
- MOLLIKA, Maria Cecília. (1997).Aquisição de padrões fonológicos variáveis. In: Roncaratti, C. & Mollica, M.C. (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (pp.33-64).
- RODRIGUES, Angela C.de Souza (1987) *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de doutoramento, FFLCH, USP.
- ROMAINE, Suzanne (1995) *Bilingualism*. Mass: Blackwell, Cambridge.
- RONCARATI, Cláudia & MOLLIKA, Maria Cecília (1987).*Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SAID ALI, Manuel (1966) *Gramática histórica da língua portuguesa*.. São Paulo: Melhoramentos.
- SILVA NETO, Serafim (1986) *Introdução ao estudo da língua portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.
- SPAZIANI, Lídia *et al.* (2000) Linguistic Variation from Spoken Brazilian Portuguese in Caboclo and Caipira. In: *29<sup>th</sup> Annual NewWave Conference Annals*. Michigan: Michigan University.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia (1987). *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática.
- WURM, Stephen A.(1996) *Atlas of the world's languages in danger of disappearing*. Paris/Canberra: Unesco Publishing/Pacific Linguistics.